

● NA ROTA DO 'BLOOM'

FORA DE CONTROLO

Potenciado por uma lei que “protege o tráfico”, o consumo de drogas sintéticas no arquipélago da Madeira continua a agravar-se, com consequências sociais alarmantes. O fenómeno captou a atenção da rádio pública britânica

BBC RADIO 4 PRODUZ DOCUMENTÁRIO SOBRE FLAGELO DO 'BLOOM' NA REGIÃO

ERICA FRANCO
efranco@dnoticias.pt

O fenómeno não é novo e é seguro dizer-se que o termo 'bloom' já entrou no léxico dos madeirenses.

Disfarçada de fertilizante para plantas, a droga Alpha PHP (popularmente conhecida como 'bloom') chegou à Madeira em 2008, com a abertura da primeira 'smartshop' no Funchal.

Apesar de não serem indicadas para consumo humano, substâncias como pílulas, ervas, incensos, suplementos ou fertilizantes, eram comercializadas com indicações de como as consumir para obter um efeito psicotrópico.

“O 'bloom' era vendido em pacotes, que tinham a imagem de uma personagem de desenho animado que tinha esse nome. 'Bloom' também era o nome de um fertilizante, de origem holandesa. Então, era vendido nas 'smartshop' com a indicação de que era fertilizante, com a indicação da quantidade de água a misturar e o aviso de que não era para consumo humano e que era desaconselhado a grávidas”, recorda o director da Unidade de Comportamentos Aditivos e Dependências (UCAD) da Madeira.

Mas havia mais. “Por exemplo, o Fidel Mix, tinha a cara do Fidel Castro na parte de trás do pacote, acompanhada de uma frase muito engraçada: ‘É para as plantas, mas você pode sentir a Revolução Cuba-

na’. Acho que as plantas não sentem a Revolução Cubana. Ou seja, era uma forma de vender drogas que são perigosas para a saúde humana e, inclusive, muito mais perigosas do que as drogas clássicas”, devido ao seu elevado poder aditivo, observa Nelson Carvalho.

Este negócio – lembra – foi legal até 2012. “Tivemos, pelo menos seis 'smartshops' na Madeira, que vendiam chás, incensos e a fertilizantes, mas que na verdade eram drogas – novas substâncias psicoativas (NPS) – como mefedrona, canabinoides sintéticos, catinonas e alucinógenos, que provocam muitos problemas mentais, como alucinações, delírios e comportamentos violentos (...) e eles vendiam essas NPS legalmente. Como era vendido numa loja aberta, as pessoas pensavam que era seguro e isso não é verdade”, enfatiza.

70%

dos sem-abrigo consomem 'bloom' e outras drogas; comportamentos “imprevisíveis” colocam desafios ao acolhimento

O elevado número de surtos psicóticos devido ao consumo de novas substâncias psicoativas (que chegou a atingir cerca de 300 admissões nas urgências do Hospital Dr. Nélcio Mendonça) levou o arquipélago a ser primeira região do País a decretar o encerramento das 'smartshops', em 2012.

Não obstante o fecho destas lojas, o 'bloom' (nome que passou também a ser usado, em termos genéricos, para designar um conjunto de novas drogas sintéticas) continuou a ser vendido nas ruas e na Internet, contornando os limites da legalidade. Uma situação que a nova lei da droga, aprovada em 2023, veio agravar [ver destaque].

Os efeitos (pelo menos os mais imediatos) também caminham à luz do dia nas principais artérias do Funchal, lado a lado com uma massa indifferente de turistas, demasiado ena-

morada do sol, da gastronomia e do contraste entre o azul do mar e o verde das montanhas que caracterizam a paisagem da ilha, para notá-los.

De acordo com os dados da Comissão para a Dissuasão da Toxicoddependência da Região, em 2021, foram instaurados 100 processos relacionados com drogas, 10 dos quais diziam respeito a novas substâncias psicoativas. Em 2022, este número passou para 64 e, até Setembro do ano passado, registaram-se 70 processos referentes a drogas sintéticas (num total de 180).

Em 2024, o consumo de novas substâncias psicoativas levou 108 pessoas às urgências, um número que se destaca do total de 735 atendimentos urgentes no Hospital Dr. Nélcio Mendonça relacionados com comportamentos aditivos (superado apenas pelo consumo de álcool).

Se olharmos ao consumo das chamadas drogas clássicas, como a cannabis ou a cocaína, observamos que este correspondeu, respectivamente, a 43 e 9 atendimentos no serviço de urgência, em 2024.

Os números permitem-nos afirmar com segurança que as drogas sintéticas – com o 'bloom' à cabeça – são aquelas que mais têm vindo a crescer na Região.

Mas de onde vem o 'bloom' (palavra que em inglês significa florescer) e porque parece ter criado raízes numa região pacata, turística e ultraperiférica da União Europeia?

A questão chamou a atenção da jornalista Helen Clifton, da BBC Radio 4, que veio à Madeira para produzir um documentário sobre o consumo de drogas sintéticas na Região. Ao longo de três dias, o DIÁRIO acompanhou a rádio pública britânica na rota do 'bloom'.

Este é o primeiro capítulo de uma 'viagem' pelas diferentes di-

'Blooming destruction', produzido pela jornalista Helen Clifton, em colaboração com o DIÁRIO, vai para o ar em Junho. FOTOS HÉLDER SANTOS/ ASPRESS

